225

Ao

Exmo Snr. Martins de Carvalho

Redactor do „Conimbricense"

off.

o seu patricio e adm.or

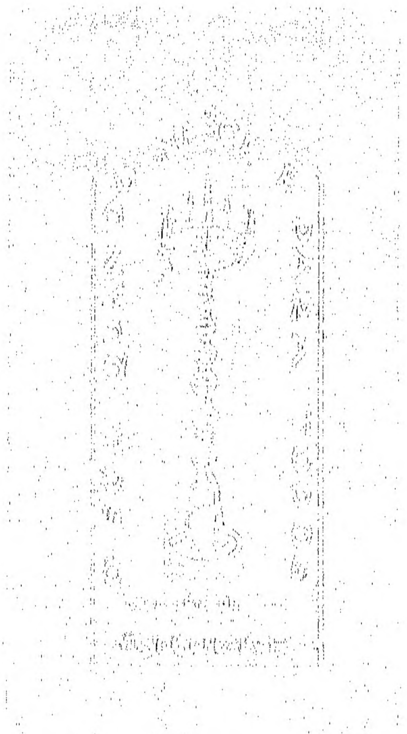
22-3-78.

Lx.ª R. N. S. Fr. Paula

SOBRE

A

SÉDE ORIGINARIA DA GENTE ÁRICA



GOA UNIVERSITY LIBRARY
This book is donated by N. 6

SOBRE
A
SÉDE ORIGINARIA DA GENTE ÁRICA

DESENVOLVIMENTO DA SUA LINGUA PELOS ÁRYAS IMMIGRADOS NO HINDUSTÃO

TYPO ARAMAICO DO ALPHABETO QUE A FIXOU EM SÃOSKRITO

Lição feita na sala da Sociedade de Geographia em Lisboa
em 10 de novembro de 1877
pelo Professor de sãoskrito juncto do Curso Superior de Lettras

G. de Vasconcellos Abreu
Bacharel em Mathematica pela Universidade de Coimbra, etc.

PUBLICADA
POR
S. B.

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1878

Ás 7 ½ horas da noute o professor o sr. Vasconcellos Abreu subiu á cadeira, e começou por agradecer á Sociedade de Geographia, e em particular ao seu Secretario geral, o sr. Luciano Cordeiro, bem como a outras pessoas que espontanea e obsequiosamente tinham offerecido local proprio e no centro mais concorrido da cidade, para ahi se fazer o curso nocturno de sãoskrito, hoje inaugurado. Este curso, gratuito e livre, é feito especialmente para o aproveitamento de algumas pessoas, que, matriculadas no curso official, o não podem seguir por incompatibilidade de horas d'elle com as dos seus encargos officiaes. O sr. Vasconcellos Abreu preferiu com este trabalho ganhar para a sciencia homens illustrados e de erudição rara entre nós, a não prestar este serviço ao paiz e aos estudos a que se dedica, poupando-se a fadiga que não evita.

Mencionam-se aqui alguns dos ouvintes mais distinctos que ennobrecem aquelle curso: — os srs.; Gonçalves

Vianna, que, além de fallar o hespanhol, o italiano, o francez, o inglez e o allemão correntemente, conhece as linguas romanas e as germanicas scientificamente, e bem assim o latim e o grego, traduz alguma cousa do hebraico e do arabe, e não é extranho na lingua dos brâhmanes; —Consiglieri Pedroso, que falla o hespanhol, o italiano e o francez, traduz com facilidade o inglez, o allemão, o dinamarquez e o sueco, o latim, o grego, e conhece das cousas orientaes os elementos do persa e do hindustani; —Sanctos Valente, que, além de conhecer as linguas vernaculas do occidente europeu, para d'ellas se servir como de instrumento, é habil latinista e versado no grego. Depois d'estes homens, que são philologos e glotticos, ha para notar outros respeitabilissimos, taes como o reverendo dr. Garcia Diniz, etc., etc. Depois do agradecimento, o sr. Vasconcellos Abreu pronunciou com voz sempre clara e firme, o seguinte discurso:

ERROS

1.º — que não prejudicam a idêa, são afinidade *por* affinidade
pudiam » podiam
hordes » hordas
etc. etc.

e a falta de virgulação rigorosa.

2.º — que prejudicam a idêa:
pag. 7, linha 6 (debaixo): que seja — *leia-se:* que não seja
» 8, linha 14: por ser a lingua mãe — *leia-se:* por ser a mais interessante das linguas em que se scindio a lingua mãe

Meus senhores:

A primeira vez que tive a honra de fallar officialmente ácerca do estudo do sãoskrito, enumerei os principaes resultados d'elle, e disse que a lingua sãoskrita é irmã do zenda, do grego, do latim e do gotico [1], principalmente. Alguem notou que eu usasse d'este adverbio. Dou-me pressa em explicar o sentido em que o empreguei.

São importantissimas para o desenvolvimento das leis da grammatica comparativa da familia das linguas áricas, não só as linguas classicas de grande valor philologico pelas suas vastas e admiraveis litteraturas, assim o grego e o latim; não só outras porque sejam as linguas mães de linguas falladas por gente de nações poderosas, assim o gotico; nem só o zenda ou o sãoskrito porque nos revelem civilisações que passaram, e porque nos deixaram monumentos litterarios, sobretudo religiosos, capitaes para o estudo da historia; mas todas estas conjunctamente, e com ellas o slavo, o celta e até os dialectos da raça tadjik [2], e os mais incultos dos povos que habitam o paiz Káfir ou o Kafiristão [3].

Para a grammatica comparativa das linguas d'uma familia glottica não ha dialecto que seja indispensavel; e o mais inculto póde ser o mais precioso para a resolução d'um ou d'outro problema. Quando, porém, não haja problemas a resolver, investigações a fazer, novos factos a descobrir ou ainda a explicar, mas só e unicamente a fazer applicação dos dados scientificos, dos conhecimentos adquiridos, incontestaveis e portanto acceitos, as linguas a que devemos recorrer são indubitavelmente aquellas que pela sua importancia historica, e por nos serem familiares, mais contribuem para firmar no espirito os factos que são novos para o estudante, mas conhecidos do escolar, do sabio.

D'entre as linguas da familia árica, d'entre as linguas irmãs do sãoskrito, as principaes para nós europeus, para nós portuguezes, para nós que aqui estamos estudando, as principaes, repito, são: o latim porque nós somos um povo de lingua (não de raça) latina (e aqui cabe outra vez o adverbio *principalmente);* o grego pela sua intima connexão historica com o latim; o sãoskrito por indispensavel para o estudo historico-scientifico de ambas estas linguas; o zenda por ser um dos grandes correctivos de todas tres nos estudos comparativos d'ellas; e, finalmente, o gotico por ser a lingua mãe das linguas germanicas, outro ramo moderno na Europa constituindo com o nosso latino as duas grandes columnas da civilisação occidental, que é a da Europa e a do mundo inteiro.

Assim explico o emprego que dei ao adverbio «principalmente.» Agora explicarei a razão porque hoje, aqui, o repeti analogamente. Disse eu que o povo portuguez não é de raça latina. Este conjuncto de duas palavras tão pequenas é a base de grandes e atrozes combinações politicas. E mais, insulto e testimunho de ingratidão por parte de povos, que tambem não são de uma só raça, cuja civilisação é toda greco-latina dada pelas nações do extremo occidente da Europa [4]. Todo o homem que pense deve rejeitar a idêa de raça latina por falsa historicamente, por atroz politicamente. Seguindo porém a historia só—direi falsa porque não só das Gallias e das Hespanhas se tirou o grande poder romano, mas na Italia, nas Gallias e nas Hespanhas entrou a raça gotica ou goda, e a sua lingua e o seu sangue misturou com o nosso fallar e com o nosso sangue.

Estas permutações, taes cruzamentos, são os factores dos povos; e estes das nações. As raças acabaram na Europa civilisada. Hoje ha só o nome. Mas em sociologia é conhecido como axioma este enunciado:—Que o nome sobrevive ao facto sociologico

que representa, e é tanto mais prejudicial ás sociedades herdeiras d'esse facto quanto maior e mais importante elle foi.

Uma idêa que mais não dirige o mundo é um cadaver podre que o vicia e empesta. Os homens que d'ella se servem contam com os serviços d'um fantasma.

Serviços que foram sempre pedidos em epochas de transição como esta por que estamos passando.

O que ainda em tempo do esplendor romano se deu entre as raças, cruzando-se estas entre si e acceitando na maior parte, todas mais ou menos, a civilisação e a lingua romanas, deu-se provavelmente entre raças que tiveram relações com a mais elevada em civilisação ou em aptidões e fallou a lingua árica.

Digo provavelmente, porque a idêa me tem occorrido varias vezes e é uma hypothese. Hypothese, porém, que tem todo o caracter de probabilidade e toda a comprovação por analogia. Não a posso todavia comprovar directamente. Para que celtas, gregos, latinos, godos e slavos immigrassem na Europa, airyas no Iran e áryas no Hindustão; e fossem emigrados que simultaneamente tivessem sahido d'um só e mesmo ponto; era preciso que esse ponto fosse mais fertil e extenso do que é permittido pensal-o attentendo-se á impossibilidade de communicações, e portanto impossibilidade de conformidade nos habitos, na linguagem, nas crenças, impossibilidade de commando tão largo que tudo subjeitasse pela obediencia ao mesmo, ao unico centro.

A unidade glottica, unidade na variedade entende-se; a unidade glottica existe. Mas a unidade ethnica é hypothese que hoje começa a não ser acceitada. Ainda assim, por isso que a unidade glottica existe, é certo que existiu, um dia, um povo cuja lingua foi o nucleo glottico das d'esses outros povos, que, embora não fossem da mesma raça d'elle, a sua linguagem deixaram absorver pela lingua d'elle e com o instrumento das idêas as mesmas idêas d'elle receberam, propagaram, e em maior ambito todos desenvolveram. É importante, por consequencia, saber-se em que ponto da terra habitou tal povo.

Compete-me fallar-vos d'isto quando na segunda parte do anno lectivo corrente eu tiver de estudar comvosco as relações ethnicas e linguisticas da India antiga e da Europa. Parece-me, porém, de interesse e proprio de systematisação dizerem-se algumas palavras sobre o assumpto. Entra-se depois quasi em terreno conhecido. Sabe-se pelo menos para onde se vai. Nada ha que tanto fatigue como estrada em que se ande sem se saber aonde conduza. Imaginae peor ainda: que vos achais no meio de estrada cujos extremos desconheceis. Disse-vos, porém, qual é um dos extremos; vou dizer-vos qual é o outro. Disse-vos que o sãoskrito é lingua irmã do zenda, do grego, do latim, do gotico, principalmente. Vou dizer-vos qual foi no espaço a origem provavel do povo que fallou a lingua mãe. A origem no tempo: essa é anterior a celtas, a gregos, a latinos, a todos os povos emfim que para aquelle estão em relação de filhos para pae, de ramos para tronco. Não fallarei d'ella. Mergulhae, se podeis ousal-o, nas trevas d'esse passado immensamente longinquo. Eu não tenho coragem para precipitar-me comvosco. Vou seguir a luz que me dão alguns factos conhecidos, estudados e confirmados.

Pela reunião das raizes communs a todas as linguas do ramo árico que nos deixaram monumentos litterarios, com o auxilio das vernaculas conhecidas, se chegou á formação do vocabulario árico. Por este se concluío o estado social do povo que fez uso de taes vocabulos e os empregou nas suas relações sociaes. Conheceu-se d'este modo que os áryas primitivos lavravam a terra, e a aravam servindo-se do boi. Que usavam de carros de rodas e creavam gado, servindo-se para alimento proprio do leite de seus rebanhos. Habitavam juncto de largas extensões d'agua, mares interiores talvez, que eram mais ou menos mortos como o diz esta raiz *mărā, mĕrĕ mr,* «tranquillo, morto.» Ousavam entrar

nas aguas d'esses lagos em barcos levados a remos, e parece não terem conhecido a véla. Os áryas primitivos conheceram o ouro, a prata, o cobre e o estanho. O martello e a bigorna de que usavam eram de pedra. É provavel, porém, que tivessem sido iniciados por outro povo, com que mais tarde prendessem relações, na arte de trabalhar os metaes fundindo-os; porque entre os povos áricos o nome dos *folles* é differente e não aponta para origem commum; e (facto singularmente notavel, bem que nelle não tenha visto fazer reparo) tambem não indica origem commum o nome das *tenazes* evidentemente necessarias quando se trabalhasse o ferro a quente.

Pictet [5] é de opinião que os áryas primitivos conheceram o ferro. As razões que adduz levam-me a rejeitar as suas conclusões. O latim *acies* é d'uma raiz que significa *penetrar, agudo,* e se encontra em vocabulos sãoskritos designativos de *pedra, rocha;* o latim *aes* cujo genitivo é por *aesis* correspondente ao genitivo sãoskrito *ajasas* (leia-se *ayaças*) indica apenas na sua origem «mineral;» o vocabulo latino *ferrum* não se póde comparar como o faz Pictet ao sãoskrito *bhadram* [6] (no nom.). *Ferrum* é morphologicamente d'uma raiz a que pertence o vocabulo vedico *bhrsti* [7] «ponta;» e note-se que em latim *ferrum* tambem significa «espada [8].»

Daqui podemos já concluir que os áryas primitivos não tiveram relações com os phenicios nem com os egypcios, porque o ferro foi introduzido no Egypto 1700 annos antes de Christo pelo menos [9], importado da Phenicia e da Syria. E de facto não tiveram relações com os egypcios, porque não conheceram dois animaes africanos, o burro e o gato, domesticos no Egypto [10].

Parece mesmo que habitaram regiões mais ao norte, porque era para elles sensivel o frio; contavam por invernos, e só os nomes do *gêlo, inverno* são d'entre os das outras estações communs aos povos áricos. Viviam tanto ao norte que para elles era brilhante por excellencia a constellação do pólo norte, a que todos os povos da familia árica dominaram *ursa* por confundirem em um só vocabulo idêas differentes—«brilhante, luminoso, coruscante, rasgador como o raio» que por logica deducção se expressam por palavras derivadas da raiz *rk, ark* «brilhar, rasgar» que deu origem á palavra *urso,* em sãoskrito *rksa* ou *arksa* e em grego ἄρκτος.

Conheciam portanto o urso; talvez o terrivel *urso branco (branco, brilhante)* do pólo norte.

Conheciam mais o lobo, a lontra; mas não conheciam o leão nem o tigre [11].

Não pudiam portanto ter vindo os aryas primitivos até ao rio Nestus nos confins da antiga Thracia, porque no tempo de Xerxes ahi era o limite do leão na Europa, segundo a auctoridade de Herodoto, liv. VII, 125 e seg., confirmada com Aristoteles, *Hist. dos an.*, liv. VI, 31, Plinio, *Hist. nat.*, liv. VIII, 16 e comprovada pelos trabalhos modernos entre outros os de Lewis *Notes and Queries,* n.os 187 e 213.

Viviam mais ao norte que o Chuzistão e o Irák-Arabi, e a mesma Assyria aonde vinha o leão, diz Oscar Peschel. Nem se haviam ainda approximado das costas do sul do mar Caspio, porque o tigre alli saltava devastador buscando presas [12].

Occupavam provavelmente ambas as vertentes do Caucaso até ao desfiladeiro de Dariel, a que os antigos chamaram «Portas caucasicas» e cuja extensão é de mais de 100 kilometros. Tocariam assim o *Pontus Euxinus* e o *Mar Caspio;* não chegando do lado oriental d'este ás planicies entre o Oxus e o Kunduz ou Ghosi, porque nellas parece ter havido o leão, e leão parecido com o das partes do norte da India.

É mesmo quasi certo que os áryas primitivos não se approximassem muito do Oxus; porque o leão, ainda que prefira as planicies, busca tambem de bom grado os fojos dos valles, que d'ellas estão perto, para mais facilmente se abrigar e esconder. E, póde dizer-se que o leão buscou refugio nos valles do Oxus, porque no tempo de Alexandre ainda elle andava para as bandas de Samarkand [13].

Contra esta doutrina ha quem diga, que bem podia acontecer terem os áryas primitivos conhecido o leão e o tigre e mais não

se lembrarem d'elle. Absurdo! não se lembrarem do leão que vieram encontrar na Grecia, na Asia! não se lembrarem do tigre com que ainda foram luctar em Bengala! E quando podesse julgar-se bom o argumento para os celtas, lembre-se que se os áryas primitivos tivessem luctado com tão valentes feras jámais elles se esqueceriam dos estragos que soffreriam, das fadigas por que teriam passado para vencel-as, como não se esqueceram do urso até mesmo quando o não viram.

Exemplos ha de povos não verem mais, depois de emigrados, objectos que havia na sua patria primitiva, e darem os nomes d'esses a outros objectos com estes mais ou menos relacionados. Assim Peschel, combatendo o argumento, recorda os Maoris *(maori* na lingua da Nova Zelandia significa *indigena);* recorda os Maoris, raça malaya ou polynesia, que emigrados segundo alguns ethnologos das ilhas Sandwich, da Hawarii talvez, segundo outros da Nova Guiné, não esqueceram o nome do porco nem o do fructo do coqueiro, que não existem no logar da immigração.

O que fica dicto basta para não se acceitar a hypothese de que a séde originaria da gente árica fosse a Báctria. Mas ha um facto que eu não posso deixar inutil neste momento. Facto que se não fôra capital por si, daria todavia enorme força e cohesão ao raciocinio que estamos aqui fazendo. Chamo pois para elle a vossa attenção.

Os áryas primitivos não conheceram o camêlo, porque mais tarde só quando tiveram contacto com povos semitas o conheceram. Assim disseram gregos κάμηλος, latinos *camelus,* e hindus *kramêla,* vocabulos tirados de vozes semitas.

Este facto serve não só para combater a theoria dos sabios que designem a Bactria, ou o Pamir, ou qualquer outra região da Asia Central, como séde originaria da gente árica; mas tambem, o que ainda não vi feito por nenhum orientalista nem por nenhum ethnologo, para combater a theoria dos sabios que designem o Hindustão (o Hindustão propriamente dicto, isto é comprehendido entre as vertentes do sul da cordilheira do Himálaya e as do norte dos montes Vindhyas [14]). — Este facto, dizia eu, dos áryas primitivos não terem conhecido o camêlo é arma poderosa para combater tambem a theoria dos sabios, que dão a gente árica emigrada do Hindustão.

Com effeito, meus senhores, o camêlo é ou da Arabia *(Camelus dromadarius)* com uma só bossa no dorso, ou da Bactria *(Camelus bactrianus)* com duas bossas. Encontra-se mais o camêlo fossil nos depositos terciarios dos montes Sevaliks, os menos elevados da cordilheira do Himálaya, que vêem perder-se nas planicies das bandas occidentaes do Ganges. Este é o *camelus sivalensis,* maior do que nenhum dos das outras especies.

Parece-me, portanto, impossivel acceitar a hypothese de que a séde primitiva dos áryas fosse região onde havia o leão, o tigre animaes ferozes, e o camêlo animal tão prestavel que é o verdadeiro amigo do homem naquelle ponto do orbe terraqueo, e os áryas não conhecessem nem leão, nem tigre, nem camêlo!

Em quanto ás regiões do Pamir [15] accresce serem estas inhospitas e improprias para habitação de homens, e só susceptiveis de ahi viver algum gado. Não é possivel que em regiões, como as descreve Bento Goes [16] e todos quantos desde os peregrinos chinezes [17] e depois Marco Polo [18] até Gordon [19] as têem atravessado, se tivesse desenvolvido civilisação tão grande, que a lingua fallada pelo povo que a realisou foi a mãe das linguas falladas por povos que cobriram a Asia Central, a India e a Europa até ás verdes ilhas da Irlanda.

Demais, senhores, como póde conceber-se que os habitantes dos suppostos [20] montes Bolor e planalto de Pamir, em tão concentrada população como a necessaria para assim se espalharem dilatando a sua civilisação, emigrassem em tão pequeno numero para a India cujas portas tinham abertas naturalmente pelo rasgado dos valles, pelo correr dos rios, e déssem tão crescido numero de emigrantes para: vencer a barreira dos desertos antes de chegarem á Europa; luctar contra as feras da Asia Central, e passar por sobre a civilisação assyrica; podendo ainda, a final, cobrir a Europa desde os montes Uraes até á Irlanda, desde os gelos da Noruéga até ao nosso extremo patrio Portugal aquecido do sol e onde prospera a laranjeira, se enlaça a vinha, cresce o figo e se levanta a palmeira majestosa?!

Que a gente árica, depois de ter deixado a patria primitiva, se espalhou em grande numero pela Asia Central, isso é certo. Mas não foi alli o seu berço, parece-me fóra de duvida.

Não permitte o tempo que nos demoremos mais neste ponto. Conhecidos os factos que apontei escolham-se as hypotheses, acceitem-se as theorias que mais se conciliarem com o espirito de cada um [21].

D'entre os áryas, que desceram á Asia Central, devemos distinguir dois ramos que sobresaíram, na historia, acima de todas as hordes de que ainda hoje se encontram os descendentes: a norte e oeste desde o Caucaso até ao Ferghana, e a leste e sul desde o Oxus até ao territorio de Yarkand, no [redacted] no Kafiristão e até aos vales de Kasmira [22].

Estes dois ramos são os que, parece, mais longo tempo viveram em contacto, mas separadamente, como o demonstra a differença de suas civilisações: agricola entre os *airyas* — o ramo iraniano que assim se denominava, e é o que deu nascimento ao grande imperio persa; pastoril, nomada ainda, bem que no Hindustão com pronunciada tendencia para a vida sedentaria, entre os *áryas* — o ramo hindu que assim se denominava, e é o que deu nascimento á civilisação exclusivamente religiosa brahmanica [23].

Da lingua fallada pelos áryas iranianos se conhece pelo Avesta [24] e pelas inscripções cuneiformes attribuidas aos soberanos persas da segunda dynastia, a dos *Kais* ou kaianiana, a achemeniana dos escriptores gregos [25]. Do *zenda,* a lingua em que se lê o Avesta, proveio: 1.º o *pehlaví* [26], mixto curiosissimo de elementos semiticos e iranianos, que como é bem conhecido foi a lingua official da dynastia sassaniana; 2.º o *persa* moderno. Ao ramo iraniano pertence ainda a lingua dos montanhezes *kurdos,* na Asia Occidental; o *armenio* cuja afinidade com o pehlavi é notoria; a lingua dos *ossetas,* que a si proprios se denominam *irões* (isto é *áryas*) e vivem no Caucaso de ambos os lados do Dariel; a lingua dos que habitam o *Belutchistão,* e a dos *tadjiks*[27] do Turkestão, população agricola dependente e serva dos Khánatos ou Emiratos de Ozbeg—Khiva, Bokhara, Kokand, e Kazgar. É ainda, e importantissimo, pertencente ao ramo iraniano, a lingua dos *parsis*[28].

Da lingua que fallaram os áryas entrados no Hindustão conhece-se sobretudo pelos documentos litterarios—os *Vedas.* Esta lingua como toda a lingua fallada teve desenvolvimento caracterisado pela derivação d'outras. Entre estas o *sãoskrito* e o *pali* são as principaes, e evoluções independentes uma da outra. A par das quaes se desenvolveram outros dialectos fallados pelo povo, mas sem chegarem a ter cultivo litterario, de que se conhecem melhor os que constituem o *prákrito*[29] *dos dramas.*

Os áryas que immigraram no Hindustão, como emigrados que successivamente se foram seguindo, fallavam differentes dialectos d'uma lingua commum. Para que um d'estes dialectos ficasse predominante era preciso o cultivo litterario. É o povo que faz uma lingua. Uma lingua é um facto social. Mas é o sabio, o erudito, o poeta quem a fixa. E poeta erudito e sabio nos tempos primitivos é um só—o rixi, o propheta, o sacerdote.

No seculo XIII a lingua litteraria da Italia, a lingua da educação e da sciencia, era o latim, que tinha deixado de ser lingua vernacula. Na Italia eram correntes differentes dialectos caracterisados no Piemonte pela aspereza dos sons, em Napoles pela nasalidade da voz, na Toscana pela suavidade facil do fallar. Eis surge Dante. Escreve em toscano. E o toscano fica a lingua da Italia.

Substituí, diz Childers no seu Diccionario páli, o nome de *Dante* pelo nome de *Gautama,* o *toscano* fica *páli* porque á *Divina Comedia* correspondem os tres *Pitakas*[30].

Fazei o mesmo com o sãoskrito; substitui o nome de Dante pelo dos Brâhmanes elevados já a casta sacerdotal. Attendei á lucta entre o *brahmismo* e o *buddhismo;* reparai em que a verdadeira historia da India começa com Buddha; contai esse numero subido de producções litterarias religiosas; pensai em que só desde então começa a fixação d'ellas pela escripta; e assim comprehendereis o predominio da lingua sãoskrita entre os brâhmanes, bem como o predominio da páli entre os buddhitas.

É provavel que só mais tarde com a expulsão dos buddhitas do sólo hindu, *Valmiki* (nome que representa um cyclo) elevasse a prosa dura dos livros *Bráhmanas* á pureza, á sonoridade, á energica combinação da epopêa grandiosa—o *Rámáyana*[31].

O que acabo de vos dizer, meus senhores, não tem valor acima do meu. Não é conhecimento adquirido para a sciencia, nem mesmo hypothese, theoria formulada por algum sabio. É theoria que eu proprio formúlo baseado nos dados que colho de trabalhos de Weber, dos trabalhos que se tem feito sobre a paleographia hindu, dos trabalhos sobre o buddhismo, e dos de Childers sobre o páli, dos de Trumpp sobre a lingua sindhi e sobre a lingua pastô, dos de Kellog sobre a hindi, dos de Fallon, Beames, etc.

Eu não julgo o prákrito: isto é, todas as linguas prákritas, derivadas do sãoskrito, nem denomino prákritas as linguas áricas vernaculas da India—*uriya, bengalí* (e o *assamez*), *hindustání* (*urdu* e *hindí*), *marátha* ou *maráthí, gudjarat, sindhí,* e *pandjábí.* Estas são linguas *neo-hindus* derivadas, como diz Whitney, mais ou menos virtualmente do sãoskrito[32].

Prákrito é o nome collectivo de todas as linguas, que tiveram desenvolvimento independente ao lado da que, um dia, se chamou sãoskrito, e esta mesma fallada popularmente.

Qual seria a sua origem commum? A origem commum é a lingua *árica,* donde brotaram as outras: zenda, grego, etc. Porque origem commum *hindu já,* para estas linguas prákritas, não creio possa indicar-se. Assim como a linguagem dos áryas iranianos differia da linguagem dos áryas hindus, e a lingua *pastô*[33] se evolveu ao lado de ambas e é fallada pelo povo que ficou residindo no ponto de bifurcação das immigrações iraniana e hindu; assim tambem no Hindustão os differentes fallares dialectaes vedicos, do que dá testimunho Yáska[34], deram nascimento principalmente a um fallar vedico[35] que se tornou predominante e mais tarde se fixou em *sãoskrito* e a outras de que, nos é permittido dizel-o, uma é o *páli* [36].

Da lingua vedica se originou o sãoskrito (o sk. propriamente dicto, ou o classico). E tudo me leva a crer que o prákrito se evolveu ao lado d'elle. A enumeração, feita pelos grammaticos que compozeram os Prátixákhyas [37], dos erros que devem evitar-se na leitura dos Vedas, mostra que a qualidade d'esses erros era a caracteristica da lingua páli e das denominadas prákritas, que se conhecem pelo prákrito dos dramas e pelos monumentos mais antigos, posteriores, porém, ao buddhismo, as inscripções do rei *Achoka*.

D'entre estas linguas, que assim se desenvolveram umas ao lado das outras e posteriormente á entrada dos áryas nas terras entre o Himálaya e os Vindhyas, o Indo e o Ganges, uma foi designada pelos brâhmanes como «propriamente acabada, adequada, para os ritos sagrados.» Com effeito, meus senhores, a palavra *sãskrta (—as,—á,—am)* se dizia significando «puro, purificado,» dos ritos iniciatorios a que se denominava *sãskára;* se dizia dos vasos sagrados quando purificados; da victima arranjada convenientemente; do iniciado que tinha passado pelas ceremonias iniciatorias, e finalmente da lingua propria para os actos puros e sagrados [38].

Em contraposição, as outras linguagens foram denominadas *prákritas (prákrta)* isto é «procreatas, derivadas.» Mas simplesmente derivadas, que não puras nem tornadas exclusivas para o culto, para as ceremonias religiosas, para as occasiões solemnes.

É muito provavel, nem póde conceber-se outra cousa, que a lingua sãoskrita já bastante tempo antes de ficar esoterica se tivesse modificado na bocca dos que não decoravam a sciencia hindu transmittida oralmente; e portanto esta modificação désse uma ou mais linguas, que, deixadas livres pelos brâhmanes, tivessem desenvolvimento popular, e constituissem prákritas derivadas do sãoskrito antes d'este o ser, isto é antes do *prákrito que foi tornado esoterico o ter sido pelo exclusivismo brâhmânico.*

Depois d'isto, podemos definir *prákrito* ou *linguas prákritas:*

todas as linguas e dialectos de derivação immediata, ou cuja relação é immediata collateralmente com o sãoskrito. *Isto é*—Linguas e dialectos da India, cuja morphologia lexica e syntactica é d'uma relação immediata directa ou collateral (no espaço e tempo) com o sãoskrito.

O que exclue as linguas modernas da India árica, as hindus, vernaculas cujas leis phonicas e cujas fórmas grammaticaes não derivam do sãoskrito immediata e directamente, mas apenas virtualmente em tempo posterior e em espaço onde o sãoskrito já não era fallado. Linguas emfim que derivam da lingua *sagrada* classica brâhmânica e estão eivadas de vocabulos e modos de dizer a que já os grammaticos que tractam do *prákrito* chamaram *provincialismos.*

De todas estas linguas modernas, a que póde dar-se o nome de prákritas modernas quando a ellas se queira estender o nome prákrito, a mais importante glotticamente é a sindhí por ser, como o escreve Trumpp, sabio professor na Universidade de Munich, a «more free from foreign elements than any other of the North Indian vernaculars,» e ter «preserved an exuberance of grammatical forms, for which all its sisters may well envy it [39].»

E facto singular, para o qual dirigi logo toda a minha attenção, a prákrita de que ella se deriva immediatamente foi considerada, pelos grammaticos antigos, *apabhrãsa* [40], isto é, a prákrita mais pobre, mais corrupta, sem grammatica. O que attribuo a intolerancia religiosa e mais me confirma a theoria do desenvolvimento das linguas prákritas umas ao lado das outras, collateralmente, que não só e unicamente «from the corruption of the Sanskrit» como as define, a meu ver impropriamente, Cowell [41].

D'entre as prákritas, as melhor estudadas, e se conhecem nos dramas, são a *máhárâxtrí* de que principalmente se occupam os grammaticos, a *chaurasêní* de que *Vararutchi* apenas dá 32 regras e *Hematchandra* [42] 27, a *mágadhí* cujo interesse glottico considerabilissimo os grammaticos hindus prákritistas desconheceram, ou quizeram apagar, e finalmente um supposto *paichátchí.* Consideram aquelles prákritistas o *máhárâxtrí* o prákrito por excellencia, digno elle só da poesia; o *chaurasênî* mera modificação d'este, ou o *máhárâxtrí da prosa*; o *mágadhí* e o *paichátchí* originados do *chaurasêni*. É porém certo que o *chaurasênî* é o principal sob o ponto de vista glottico e assim o *mágadhí*.

Todas estas designações são de dialectos, ou linguas, modos de fallar emfim provinciaes, cuja importancia crescia ou decrescia para os prákritistas hindus sob o ponto de vista religioso.

O *apabhrãocha* parece ter sido do noroeste [43] e portanto desestimado, amesquinhado, como se vê pelo vocabulo *apabhrãsa*, confundido na designação, sem significação verdadeiramente geographica, de *paichátchí*.

O *mágadhí* era o fallar provincial do paiz de *Magadha*, e ao qual ou a uma das suas mais harmonicas e bellas variedades Gautama elevou á altura de cultivo litterario e constituiu em *páli*, lingua que não é derivada do sãoskrito [44].

Com effeito, meus senhores, Childers, no diccionario já citado, diz que $^2/_5$ do vocabulario páli são identicos aos vocabulos respectivos do sãoskrito, isto é, o prákrito esoterico dos brâhmanes; e que ha, embora poucos, vocabulos que só se encontram na lingua dos Vedas, taes os infinitos em *tave: netave, kátave*, etc.; os gerundios em *twána: katwána*, etc.; o dativo e genitivo *imassa* = (sk.) *imasja* (leia-se *imasya*); e, caso singular, o páli *divo* masculino como o vedico *djo* (leia-se *dyo*) correspondente ao já feminino *djo* em sãoskrito.

Natural era que *djo* (nominativo *djaos*) «o espaço ethereo, luminoso, o firmamento» (cf. *dia* em port.) fosse do genero masculino. Porque elle era o *pae*, e a *terra* a *mãe*. Estaes lembrados ainda da formula que vos citei:

Antará pitaram mátaranka [45]

«entre o pae e a mãe» isto é entre o céo e a terra.

Ha na vida dos povos grandes periodos de elaboração, grandes pela sua duração. Outros vêem depois grandes pelos resultados, pelas acquisições. É assim a evolução social.

Antes de Buddha a India não tem o que nós denominamos *Historia*. A partir de Buddha desenvolvem-se no hindu as faculdades proprias do homem, e que nelle estavam adormecidas pela perversão religiosa.

Antes de Achoka diz Ferguson na *History of Indian and Eastern Architecture* a pag. 48, antes de Aschoka não havia na India architectura nem da mais pequena importancia. Os áryas, que dominaram na India antes do celebre rei de Udjdjayini, parece não terem tido desenvolvimento nenhum das faculdades esthetica. Não eram, porém, por sua natureza raça anti-artistica. A doutrina brâhmânica tinha convertido toda a acção em especulação metaphysica; e ao contrario do que aconteceu em Roma onde a religião se transformou em *instituição* do Estado, na India a religião transformou-se em philosophia esmagadora por abstracta e anti-realista, para a qual não havia patria a defender, mas só almas a quererem absorver-se na Alma Suprema. A idêa religiosa fez d'uns o povo de heroes que conquistou o mundo, dos outros o povo de escravos que se sujeitou ao jugo do mundo inteiro.

Eis aonde leva uma religião desacompanhada do caminhar incessante da sciencia!

Achoka reinou entre os annos de 250, ou 259, mesmo 263 a 226, ou 272 a 236 antes de Christo, emfim no seculo III antes de Christo. No seu tempo os idiomas populares tinham tido já grande evolução e distavam muito dos fallares mais antigos sua origem. Era pois o momento proprio para tornar esoterica absolutamente a lingua, já, provavelmente, apenas usada nas occasiões solemnes. Só depois d'um alphabeto se podia fixar a lingua e dar-lhe aquella fórma a que esta chegou na Epopêa e no Codigo de Manu. De facto parece ter coincidido com o tempo de Achoka a introducção na India do alphabeto d'onde se originou o *dêvanágarí* (em portuguez, digâmos *dêvanágarico* e até *dêvanágrico* deixando cahir o segundo *a* breve).

É pois com Achoka que a evolução irrompe, se accentúa, se determina definida, rica de grandes resultados adquiridos.

É então que se levantam gigantescos e se mostram cheios de vida, esses maravilhosos factos sociaes, que não creações divinas nem humanas, chamados religiões, linguas, litteraturas, e a arte realisando na fórma a idêa, servindo com a plastica e com a palavra fixada o pensamento moral e esthetico e o especulativo.— Surge a architectura, a epopêa, a philosophia, o codigo que, legislando, mais une e consolida a sociedade sem cohesão sufficiente.

Os especimens mais antigos de escripta são as inscripções d'este rei, conhecidas pelo seu nome ou pelo identico de *Priyadarchi.* Ha dois alphabetos differentes. O das inscripções de *Kapur di Giri,* no Kabul, ou melhor, segundo Weber, *Kapardigiri,* muito similhante ao aramaico, ramo do antigo alphabeto phenicio. As lettras aramaicas, que se conhecem pelas inscripções egypcias e phenicias, são já modificações posteriores ao tempo em que serviram de typo aos caracteres de Kapardiguiri. Este typo determina-se pela confrontação dos caracteres das inscripções de Achoka com as mais primordiaes de moedas hebraicas e inscripções phenicias.

O segundo alphabeto é o das inscripções de *Guirnar* na peninsula do Gudjarati. D'este querem alguns indianistas se derivasse o moderno dêvanágrico e outros alphabetos indianos, tibetanos, etc. Não se conhece bem a sua origem. Mas é certo que não foi inventado na India. Um alphabeto não se inventa. Filho de evolução propria, é no modo do seu apparecimento como a linguagem, como a mythologia, como todos os factos sociaes; porque o proprio culto e até as fórmas de governo são dependentes da evolução espontanea. Assim um alphabeto phonetico deve ter como precedente outro syllabico ou ideographico. Eis o que não se conhece na India.

Burnell, que foi pelo seu trabalho sobre a paleographia do sul da India o fundador da epigraphia meridional d'aquella peninsula, como o tinha sido Prinseps da septentrional, Burnell julga que o conhecimento da escripta na India se deve a influencia aramaica; diz que o typo é o aramaico usado em Babylonia no tempo dos Achmenidas e introduzido na India nas cousas litterarias no IV seculo, mas já antes usado nas cousas commerciaes. Weber concorda com Burnell; mas Barth não accceita tal opinião em virtude do grande desenvolvimento litterario em prosa, e pelo abundancia de termos technicos, e até transmissão provavel de producções litterarias.

Em quanto aos algarismos Burnell pensa que a origem é a escripta hieratica ou cursiva dos hierogliphos do Egypto. Barth está de accôrdo. Mas Weber oppõe a opinião de Hänkel («Geschichte der Mathematik») que julga haver mera coincidencia simples similhança accidental. Os algarismos indianos, segundo elle, são traços reunidos para representarem o numero de unidades.

Além do que fica dicto póde ver-se a questão tractada ainda ultimamente no jornal de Bombaim *Indian Antiquary,* mezes de fevereiro e maio de 1877.

Vou dar-vos apenas um exemplo. O algarismo 4 em uma inscripção de Achoka é uma cruz +. D'aqui se passa facilmente pelo cursivo á fórma ɟ.

Compare-se agora o algarismo dêvanágrico ४ e o arabe 4 de que nos servimos.

Isto basta como introducção. Os estudiosos que quizerem desde já conhecer a historia da propagação dos algarismos hindus, podem ler o livro de Hänkel e as *Memorias* de Wöpcke.

O livro capital, porém, para o estudo da paleographia indiana é o magnifico trabalho de Burnell *Elements of south India Palaeography,* cuja primeira edição está esgotada, e cuja segunda ainda não me constou fosse posta no mercado.

Como venho aqui para estudarmos todos junctos, não quero deixar de vos indicar um optimo artigo do meu professor em París, o sr. Bergaigne, publicado na *Revue Historique* (Germer Baillière et C.e), n.º de janeiro a fevereiro do corrente anno. Intitula-se o artigo: *Travaux relatifs à l'histoire de l'Inde.* As discussões criticas de Barth lêem-se na *Revue Critique,* do anno de 1875.

Sobre a séde originaria da gente árica e sua emigração consulte-se, além do trabalho colossal de Lassen *Indische Alterthumskunde,* 4 vol. em 8.º de mais de 1:000 paginas compactas cada um, os trabalhos de Kuhn *Zur ältesten Geschichte der indogermanischen Völker* no jornal de Weber *Indische Studien,* e o de Fick *Die ehemalige Spracheinheit der Indogermanen Europas,* a grande obra de Pictet *Les origines indo-européennes,* cuja segunda edição deve estar já á venda em casa de Sandoz e Fischbacher em Paris, na rua do Senna, etc., etc., etc.

Póde ler-se tambem o capitulo 1.º do 3.º livro, no 1.º volume da obra de Spiegel *Erânische Alterthumskunde,* etc., etc. E deve ler-se o resumo admiravel de toda a questão feito por Muir no segundo volume dos *Original Sanskrit Texts,* capitulos 2.º e 3.º, de paginas 215 a 444.

Esta obra é indispensavel para o estudo. Póde ser consultada no Curso Superior de Lettras que alli existe na Bibliotheca.

* * *

(O sr. Vasconcellos Abreu passou depois d'esta exposição a explicar o alphabeto dêvanágarí. Terminou esta sua lição eram $9\,{}^{1}/_{4}$. As notas aqui publicadas foram-nos communicadas pelo sr. Vasconcellos Abreu que reviu os nossos apontamentos do seu discurso.

Revendo estas provas, temos a satisfação de noticiar que um dos advogados mais distinctos, o sr. dr. Carlos José d'Oliveira, tem assistido na sala da Sociedade de Geographia a algumas lições do sr. Vasconcellos Abreu, tomando apontamentos e munido do texto que o novo professor explica.

O sr. Vasconcellos Abreu tambem nos communicou, cheio de contentamento e enthusiasmo, que o romanista portuguez, a quem o celebre Diez de Bonn (fallecido a 29 de maio de 1876) citava da sua cadeira, o sr. Francisco Adolpho Coelho, frequenta o curso feito na sala do Curso Superior de Lettras. No ultimo dia d'aula antes de Natal, o sr. Adolpho Coelho explicou a lição admiravelmente bem, segundo nos referiu o sr. Vasconcellos Abreu).

NOTAS

[1] A pag. 145 do seu *Compendium* (4.ª ed., 1876) diz Schleicher: «*Gotisch, Gote,* nicht *Gothisch, Gothe,* ist zu schreiben, da der name dises volkes bei den Goten selbst und bei anderen deutschen stämmen nur mit t vor komt.»

[2] Vide as notas 27 e 28.

[3] Sobre a lingua dos povos da Asia central particularmente designados pelos mahometanos como *Kafirs* «infieis, hereges, não crentes», veja-se *Trumpp* «Die Sprache der sogenannten Kâfirs im indischen Caucasus» no *Jornal da Sociedade Oriental Allemã,* xx, 392. Apud *Spiegel* «Erânische Alterthumskunde» vol. 1.º, pag. 397, onde se lê: «Dieser Name, den das Volk von den umwohnenden Muhammedanern erhalten hat, bedeutet einfach Ungläubiger und ist daher nichtssagend, wir sind aber gezwungen, ihn beizubehalten, da wir den wahren Namen, mit welchem das Volk selbst sich benennt, noch nicht kennen, das Land aber, welches sie bewohnen, nennen sie Wâmasthân.»

O Vámastão ou Káfiristão fórma no declive sul do Hindukôs (pronuncie-se *ôs* á portugueza, soando *s* quasi como *ch,* o *s* final de syllaba, ex.: *mas, pôs* ou *poz, etc.*), parte da bacia norte do Kabul. A sua área maior de 19 hectares é cortada por apertados valles e eriçada de cristas do Caucaso indiano.

[4] Discipulo de Diderot, até no que tem de mais leibniziano, o grande poeta allemão e não menor philosopho e naturalista, Goethe, confessa: «Entre nous, je ne haïssais pas les Français... Comment pouvais-je, moi pour qui civilisation et barbarie sont des idées d'une importance exclusive, concevoir de l'antipathie pour une nation qui compte parmi les plus cultivées de l'univers et *à qui je devais une si grande part de mon éducation personelle!* «Entretiens de Goethe et d'Eckermann», *Trad. de M. Charles,* in 18, pag. 265. Apud *Fernand Papillon* «Goethe, Philosophe et Naturaliste» in «La Philosophie Positive» Revista bimensal dirigida por *E. Littré* e *G. Wyrouboff,* tomo ɪx, pag. 250.

[5] *Les Origines indo-européennes,* 1.ª edição, vol. ɪ, pag. 161 e seguintes.

[6] O vocabulo sãoskrito *bhadra* como adjectivo significa «prospero, auspicioso, bom, etc.», como substantivo neutro significa «ouro, ferro, etc.» Mas no Rigveda não tem ainda este sentido. Designou mais tarde o *ouro,* o

ferro, etc., talvez porque alli como adjectivo se diz das cousas *brilhantes*, que reflectem a luz, e por isto consideradas como cheias de benção, de qualidades optimas (Vide *Grassmann* «Woerterbuch zum Rig-Veda»), o que explica ambas as significações do vocabulo no sãoskrito classico. É tambem para notar-se contra Pictet, que no vocabulario de *Amarasimha* só se encontra no capitulo que tracta das *virtudes, etc.*, com a significação de «Bem, etc.» Demais o vocabulo é d'uma raiz *bhand*, que morphologicamente não póde conceber-se em *ferrum*.

[7] O *r* d'este vocabulo é o *r* vocalico, que não se transcreve aqui por outra fórma, falta de typo proprio. Na Imprensa Nacional de Lisboa já hoje ha fundidos os typos proprios para a transcripção scientifica adoptada por mim. Ha tambem o typo dêvanágrico, todo verificado por mim, e está-se compondo o primeiro acto da *Chakuntalá*. O typographo é um habil moço de 17 annos, que estuda commigo o sãoskrito. Compõe tambem em outras linguas orientaes.

[8] Falta d'este conhecimento glottico, concluem alguns archeologos que o *ferro* devia ser conhecido de longa data dos romanos, por quanto em latim *ferrum* era synonymo de *espada;* outros concluem que as *espadas romanas eram feitas sempre de ferro*. Cf. por ex.: *Lubbock* «O Homem prehistorico», traducção franceza de Barbier, edição a que acompanha um estudo do meu mestre, o sr. Broca, París, 1876. *G. Wilkinson* «Ancient Egyptians», etc.

A conclusão a que sou levado, é que *ferrum* significou *cousa ponteaguda*, e depois a materia mais propria para fabricar as espadas de estoque, como eram as romanas que não de golpe.

[9] No tempo de Thutmes III havia perfeito conhecimento do ferro no Egypto. Este rei fazia procurar objectos d'arte, fabricados de ferro, na Phenicia e na Syria. Entre outros despojos, os seus soldados traziam das campanhas da Syria bacias de ferro e vasos de ferro com azas de prata. É menos evidente que os egypcios tivessem conhecimento tão perfeito do ferro, antes da epocha d'este rei, 1700, antes de Christo. Não se póde todavia negar que elles o tivessem. É bem sabido com que respeito religioso elles o estimavam, empregando-o nas cerimonias religiosas, e consagrando-o a Set. E é natural que tivessem conhecimento d'este metal muito antes de Thutmes III, porque no deserto egypcio se encontram as minas de ferro e bronze exploradas em tempos mais antigos. Talvez mais de 4000 annos antes de Christo os mineiros o soubessem extrahir e os cutileiros afiar, como se deprehende dos monumentos de Thebas e dos tumulos nos arredores de Memphis (Vide *Gardner Wilkinson* «A p. a. of the Ancient Egyptians» vol. 2.º, pag. 155 e *passim*.). Não causa extranheza a falta de objectos de ferro nas excavações que se têem feito onde se tem encontrado objectos preciosos de tempos mais remotos, porque o solo nitroso do Egypto facilmente corróe o ferro ahi sepulto por tantos milhares d'annos. E se acceitarmos as conclusões dos trabalhos do coronel Howard Vyse, é certo que o ferro era conhecido no Egypto já no tempo da quarta dynastia, 4235, antes de Christo. Consulte-se: *Chabas* «Études sur l'Antiquité Historique»; *G. Wilkinson* Obra cit. e «The Egyptians in the time of the Pharaohs»; *Pierret* «Dict. d'Archéologie Egypt.»; *Mariette Bey* «Aperçu de l'Hist. d'Egypte»; etc., etc.

[10] «Horses and asses were abundant and the latter were employed as beast of burden,...» *G. W.* «A. Eg.» vol. 1.º, pag. 231.

E a pag. 244 diz: «Nor is the wild ass met with in the paintings either of Upper or Lower Egypt, though it is common in the deserts of the Thebaïd».

Dos *gatos* se serviam singularmente na caça de aves, aquaticas por ex., que, batidas dos lagos, fugiam para as mattas, e, indo esconder-se nas sarças e espessura da vegetação das margens, cahiam no poder dos gatos ahi occultos. Obra cit., pagg. 234-236.

Convém aqui notar tambem que o burro selvagem da Syria, *Asinus hemippus*, e o da Asia Central, *Asinus hemione*, são duas especies que os áryas primitivos deviam ter conhecido, se a sua séde originaria fosse ao sul da Armenia e ao norte do Hindukôs, porque especialmente o *Asinus hemippus* emigra em grandes récuas, conforme as estações: no verão na Armenia, no inverno até ás costas do golfo persico. Encontra-se tambem o burro selvagem no deserto entre a India e Affghanistão. Vide: *Tristram* «The Natural Hist. of the Bible»; *Elphinstone* «Cabul»; *Rawlinson* «Herodotus»; etc. Cf. *Pictet* «Les Orig. indo-eur.» 1.º vol.

Na Persia se conhece o burro selvagem, *Asinus onager;* é o *Ghor-Khar*, o *Kulan* dos tartaros. Falla d'elle Marco Polo, chamando-lhe *creatura formosissima*. Vide edição do Coronel *Yule*, vol. 1.º pagg. 90 e 91.

[11] Cf. *Pictet* «Obra cit.», vol. 1.º

[12] Cf. *Layard* «Nineveh and its remains.» Apud *Oscar Peschel* «Völkerkund», pag. 545, 3.ª edição, Leipzig, 1876.

O *habitat* do tigre estende-se desde o mar Caspio até ao rio Amúr, no extremo oriente da Siberia nos confins mongolicos, e vae ao sul até á ponta extrema da Asia, ousando vencer o braço de mar que a separa, na peninsula de Maláca, da ilha de Singapura, aonde leva a morte a centos de pessoas em cada anno. Vide *O. Peschel* «Völkerkund», pagg. 443-444.

Ácerca do tigre consulte-se *Carl Ritter* «Ueber die Verbreitung des Tigers» in «Zeitschrift für Erdkunde» Berlim, Nova Serie, vol. 1.º Apud *O. P.* «log. cit.»

[13] É o facto bem conhecido citado por Quinto Curcio Rufo. É tambem sabido pela auctoridade de Dio pruseu, chamado Chrysostomo, que o leão deixou a Europa antes do seculo II da era de Christo.

[14] Chamo *hindus* aos áryas que ahi foram habitar; e mais extensamente aos indios de raça árica. Vide o *Codigo de Manu*, liv. 2.º, sl. 21 e 22.

[15] Consulte-se em contrario ao que para mim vale, *Pictet* «Obra cit.» e uma Memoria do sr. *G. de Rialle*, a quem muito prézo e com quem tive relações em París: «Memoire sur l'Asie Centrale, son Histoire, ses Populations», 2.ª edição. Ernest Leroux, 1875.

O sr. *Alfredo Maury*, bem conhecido entre nós pelos seus trabalhos tão apreciados, affirma ainda no seu livro «La Terre et l'Homme», edição de 1877, a pag. 501, *que a séde originaria da gente árica é o* «Belour-tag» *os montes Bolor*. (!!) Confronte-se com *Bunsen* «Egypt's Place in Universal History», vol. 4.º, pag. 479.

Vide *infra* nota 20.

E note-se mais que os áryas tambem não conheceram o *leopardo* animal, que é o tyranno do Pamir. Eis o que diz *Gordon* «The animals, of the Pamir are the *ovis poli*, ibex, brown bear, leopard, lynx, wolf, fox, marmot, and hare» in «The Roof of the World» Edinburgo, 1876, pag. 159.

[16] Tractando o padre Guerreiro da Missão do Catayo diz: «Tinha passado o irmão (isto é, o jesuita Bento de Goges ou Bento de Goes, natural da ilha de S. Miguel—vide liv. 2.º, cap. IX da Relação impressa em 1605) até esta Cidade (*Hircande*, d'onde Goes escreveu ao padre Jeronymo Xavier, Superior da Missão do Mogor), o mais trabalhoso caminho que ha nesta viagem, que são os desertos de Pamech (sic), onde lhe morreram cinco cavallos, por serem nestes desertos muy grandes os frios, nem haver lenha, nem povoado, e hum ar tam terribel, que toma o folego a gente, de modo que nam podem resfolegar, e o mesmo faz aos cavallos que subitamente cahem em terra e morrem, e para tudo isto nam ha outro remedio que alhos e cebollas, e alguns albicorces secos, dos quais come a gente, e untam as bocas aos animaes, e aproveita quem aproveita: passase este deserto em quarenta dias quando ha neves: e em menos quando as nam ha:...» in «Relaçam annal das cousas que fezeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental... Tirada das cartas dos mesmos padres que de lá vierão: Pelo padre Fernão Guerreiro da Companhia de Jesus, etc. ...» 1609. É no liv. 3.º—Provincia do Norte—pag. 166 e *verso*.

[17] «De là, reprenant la direction de l'est, après avoir fait sept cents li (medida itineraria variavel em differentes epochas, mas para o tempo de Hiuan-thsang egual a 329 metros, segundo o estabelecido por *Vivien de Saint-Martin* in «Mémoire analytique sur la Carte de l'Asie Centrale» juncto da obra de *Stanislas Julien* «Mémoires s. les C. Occid.», tomo 3.º, pag. 258) à travers les montagnes, il (*Hiuan-thsang;* em francez *Hiouen-thsang*, em inglez Hwen-thsang) arriva à la vallée de *Po-mi-lo (Pamir)*. Cette vallée a mille li de l'est à l'ouest et cent li du sud au nord. Elle est située entre deux montagnes neigeuses et forme le centre des monts *Tsong-ling* (*tsong* «cebola» e tambem «côr azul» (St. Julien) como a dos montes cobertos de neve, vistos de longe). On y est tourmenté par des rafales de vent, et les tourbillons de neige ne cessant pas même au printemps ni en été. Comme le sol y est presque constamment gelé, on n'y voit que des plantes maigres et rares; aussi les grains n'y peuvent ils réussir. Tont ce pays n'offre qu'une triste solitude où l'on ne trouve nuls vestiges humains.»

Stanislas Julien «Histoire de la vie de Hiouen-thsang et de ses voyages dans l'Inde», traducção feita da lingua china, pag. 271.

[18] Eis como o sabio inglez, o Coronel Yule, in «The book of Ser Marco Polo the Venetian», 2 vol., 2.ª edição, 1875, traduz no 1.º vol., pag. 181, a narração do celebre viajante:

«The Plain is called *Pamier*, and you ride across it for twelve days together, finding nothing but a desert without habitations or any green thing, so that travellers are obliged to carry with them whatever they have need of. The region is so lofty and cold that you do not even see any birds flying. (Hiuan-thsang viu aves do tamanho de um *tchang* «dix pieds» diz St. Julien. A este respeito, em uma nota, diz Yule que deve attribuir-se a ter provavelmente Marco Polo passado alli muito depois ou antes da estação propria d'estás aves. Tal estação, se deprehende da viagem de *Wood*, é o verão, que assim lh'o disseram, passando elle alli no inverno). And I must notice also that because of this great cold, fire does not burn so brightly, nor give out so much heat as usual, nor does it cook food so effectually», etc.

[19] O livro de Gordon é dos mais importantes que têm vindo enriquecer a sciencia geographica.

As observações de Gordon não contradizem as que fizeram os viajantes e os sabios que chegaram até ao *Pamir*. A altitude d'esta região é impropria para alli se ter concentrado população sufficiente para constituir o estado social a que chegaram os áryas primitivos.

Gordon todavia foi o mais feliz dos exploradores d'estas regiões. É notavel o que elle escreveu a pag. 160, e se repete aqui por fidelidade:

«We experienced none of the symptoms of great height, viz. headache and difficulty of respiration, on the Pamirs (o pequeno e o grande), in the exaggerated degree that native travellers have described. None of our camp followers or people suffered in any unusual way, beyond becoming breathless when exertion was made. All were free from severe headache except our mess butler, who was quite like a mountain barometer in indicating a height of 12000 feet, as he invariably then became a victim. There was perfect health among our party throughout the journey. One of the Wakhis who accompanied us with the supplies over the Great Pamir died suddenly from heart disease, on the last march to Aktash, and this was the only casualty or sickness even among the numbers of men who were attached to our camp, when crossing and recrossing the Pamirs.»

Não posso terminar esta nota sem pedir, aos que julgam ainda proprio para dar saude robusta o *ar vivo das montanhas,* leiam a obra do dr. *Jourdanet,* «De l'influence de la pression de l'air sur la vie humaine», Paris, Masson.

[20] Tanto Marco Polo como já antes Hiuan-thsang (trad. de St. Julien, tomo 1.º, pag. 150 e tomo 2.º, pag. 196) mencionaram o paiz de *Bolor.*

Para determinar a situação d'este paiz de Bolor se fizeram differentes conjecturas, das quaes a mais celebre, e cujo erro até hoje tem continuado, é a do grande Alexandre de Humboldt fundada na theoria querida de todos os vulcanistas e partidarios de Elias de Beaumont.

Referindo-se a esta theoria e á conjectura ácerca dos montes Bolor diz O. Peschel no seu livro «Neue Probleme der Vergleichenden Erdkunde als Versuch einer Morphologie der Erdoberfläche,» Leipzig, 1876, pag. 86:

«Er (A. v. H.) dachte sich nämlich, dass der westwärts streichende Künlün unter dem nordsüdlich aufgestiegenen Bolor hindurchsetzte und jenseits als Hindukusch sich verlängert habe. Er hat diese Vermuthung bildlich dargestelt auf der Karte zu seinem Buch über Centralasien. Seitdem haben aber unsere geographischen Gemälde von Hochasien andere Gesichtszüge angenommen, der Künlün ist dem Hindukusch weit entrückt, und es ist wenig Aussicht vorhanden, dass es ein Gebirge Bolor gibt, welches von Süd nach Nord streicht und rechtwinkelig vom Künlün durchsetzt werde.»

O Coronel Yule na sua primeira edição das viagens de Marco Polo ainda cria nos suppostos *Bolor;* na segunda edição já não crê em tal. Julga que este nome possa comprehender os paizes limitados ao sul por Kasmira, a oeste pelo Kabul e ao norte pelo Badakhchão, isto é, comprehendendo o Sirikol e toda a região selvagem de Yarkand, Balti, Gilghit, Yasin, Chitral ou Kazgar e talvez Kafiristão.

Gordon, «Obra cit.,» pag. 163, diz:

«We made repeated inquires from Kirghiz and Wakhis and from Mir Futteh Ali Shah regarding «Bolor» as a name for any mountain, country, town, river, or place, but all professed perfect ignorance of it. Colonel Yule had previously expressed his opinion with reference to the apocryphal topography of the Oxus regions in which «Bolor» occupied a prominent position, that there was no real evidence for the existence of such a place on the western side of Pamir (e de facto todos aquelles paizes, que não um só, estão a oriente), and urged its exclusion from geography for the future.»

Ora os montes «Bolor-tag» os suppostos Bolor julgava-se correrem de norte a sul de 38º proximamente a 45 lat. N. e de poente a nascente entre 69º–72º proximamente de long. E. dividindo o Turkestão em occidental e oriental. Eis o que hoje é reconhecidamenta falso. Taes Bolortag não existem.

[21] Vide no fim as fontes que indico. A mais do que d'ellas se collige se lê nova doutrina exposta por M.me *Clémence Royer* nos tomos 12, pag. 195 e seg., e 13, pag. 38 e seg. do jornal «La Philosophie Positive» dos srs. *Littré* e *Wyrouboff.*

Escripto debaixo de ponto de vista differente do de M.me Cl. R., tal é o da doutrina christã, indico um livro digno de attenção «The Arian Witness: or The Testimony of Arian Scriptures in corroboration of Biblical History and the Rudiments of Christian Doctrine. Including Dissertations on the Original Home and early adventures of Indo-Arians» do *Rev. K. M. Banerjea,* Calcutta, 1875. Póde haver-se por Trübner de Londres. A opinião de Banerjea é que a *séde originaria fosse o Caucaso e costas do mar Caspio.*

Possuo um livro curioso, da opinião de cujo auctor me afasto completamente, mas o qual por isso mesmo aqui menciono. «On the Origin and Authenticity of the Arian Family of Languages, The Zand Avesta and the Huzvarash» por *Dhanjibhai Framji,* Bombaim, anno de Zoroastro 2251, de Christo 1861.

[22] Consulte-se *Trumpp* «Grammar of the Sindhi Language» e «Grammar of the Pasto» e do mesmo auctor «Sprach der Kafirn» no jornal «Zeitschrift der D. M. G.» vol. XX, e o mesmo no jornal inglez da «Royal Asiatic Society» vol. XIX, «on the language of the so called Kafirs in the Indian Caucasus.» Não li este estudo do sabio professor que tive a honra de ouvir em Munich. Cito o primeiro de *Peschel* «Völkerkund», 3.ª edição, pag. 541; o segundo da Grammatica da lingua *pasto,* pag. 23. Consulte-se mais *R. B. Shaw* «On the Ghalchah Languages» no jornal da «Asiatic S. of Bengal», vol. XLV, tomo I, n.º II, 1876, etc., etc.

[23] Veja-se o meu estudo — *Questions Védiques,* reimpresso no *Instituto,* vol. XXIV, n.os 11 e 12, vol. XXV, n.os 1 e 3.

[24] O *Avesta* está hoje traduzido pelo *eranista* belga *Harlez* «Avesta, Livre Sacré des Sectateurs de Zoroastre» 2 tomos, Liège, 1875–1876. A traducção é estimada, e porque é em francez e do custo de 2$000 réis, está ao alcance de todos os portuguezes que desejem lêl-a. Sobre o *Avesta* deve ler-se o magnifico trabalho do mesmo auctór «Études Avestiques» do diminuto preço de 600 réis.

Indicando apenas estes por serem de preço commodo e de homem de sciencia reconhecida, não devo deixar de mencionar dois trabalhos modernos de não menor eranista, o intelligente moço francez *Darmesteter:* «Haurvatât et Ameratât», que li ainda em Munich, e a que o meu professor o sr. Haug considerava favoravelmente, e «Ormazd et Ahriman» que ainda não vi, mas de que tenho noticia pelo artigo do respeitavel professor do Collegio de França, o sr. *Miguel Bréal,* in «Revue Critique» 27 de outubro de 1877. Ambos estes trabalhos se encontram em casa de Vieweg, rue Richelieu, Paris. Bréal diz que Darmesteter neste segundo trabalho «a apporté les mêmes qualités d'esprit qui distinguent son premier écrit: par la force de conception, par la finesse de certains aperçus, par la sûreté de l'analyse grammaticale, par l'abondance des informations de détail, ce livre est digne de son ainé, et il répond aux espérances qne celui-ci avait fait concevoir.»

[25] Muitos são os trabalhos que ha publicados, mesmo modernamente, sobre linguistica geral. Mas, que mais convenha indicar ás pessoas que desejem ter conhecimento seguro, sem entrarem no estudo dos problemas glotticos, não conheço nenhum, como o do meu amigo, o anthropologo francez, o sr. *Abel Hovelacque;* «La Linguistique», 2.ª edição, Reinwald, París, 1877.

O preço commodo d'este livro de leitura facil pelo estylo e rico de factos expostos com methodo claro e precisão, tornam a obra de Hovelacque necessaria em toda a bibliotheca, ainda a do mais modesto erudito.

[26] Veja-se o estudo sobre a lingua *pehlaví*, a que tambem se chama *huzvárês* (leia-se este *ês* portuguezmente, soando *s* palatalmente), do que *Haug* fez preceder a obra do *Destur Hoshangji Jamaspji Asa* «An Old Pahlavî-Pazand Glossary». Este estudo de Haug foi publicado em separado tambem sob o titulo «Essay on the Pahlavî Language», Stuttgart, 1870. De pagg. 82 a 128 se lêem uns rudimentos de grammatica.

[27] Tem-se dicto que os *tadjiks* são *sartas.*

Na linguagem official dos khánatos se designa pela palavra *sartas* a população agricola, commercial e industrial, distinguindo assim os que se dão a estes mestéres dos Ozbeks aristocratas e dos Kirghizes e Turkomanes nomadas e salteadores (*G. de Rialle* «Mémoire sur l'Asie Centrale»). A tribu turca-mongolica, cujo chefe era Ozbek, é a que, tendo conquistado o Turkestão, desde o seculo XVI está ainda hoje predominante nos khánatos de Khiva, Bokhara, Kokand e Kazgar (*Peschel* «Völkerkunde», pag. 406). Á população urbana que as tribus conquistadoras sujeitaram e eram de raça persa, chamaram os viajantes antigos «Sártas» e a moderna ethnologia «Tadjiks»; e como d'estes os de Kazgar fallam turco, se confundiu a natureza de sua linguagem com a de sua origem. Mas até os sartas do paiz de Kazgar ou da Kazgaria têm todos os caracteres physicos dos povos iranianos (*O. Peschel* «Obra cit.»). Podem os estudiosos consultar a obra de *R. B. Shaw* «Reise nach der hohen Tatarei» (ap. Peschel. O original inglez, se bem me lembro, é «Journey to High Tartary, Yarkand and Kashgar») e «Indien und Hochasien», tomo 2.º de *H. v. Schlagintweit*, (ap. P.).

Porque não possa, porém, consultar-se nenhuma d'estas obras capitaes, aqui transcrevo, do estudo já citado de *Shaw* sobre as linguas *Ghalchah* (*Vakhí* e *Sarikolí*), o seguinte:

«Now the Tájiks form the substractum of population all over Western Turkistán, where, as well as in Persia, the Iranians are intermixed with and dominated over by Turkish tribes. To us the Tájiks represent the earliest inhabitants of the regions occupied by them,...»

E logo

«The Tájiks of the plains speak their own form of Persian, differing merely in pronunciation and in a few peculiarities from the language of Irán.»

A duvida, que G. de Rialle parece ter em virtude d'um artigo da *Russische Revue* (Mémoire s. l'A. C., pag. 70), desfaz-se pelo modo porque a cousa fica explicada, e a que por outra fórma responde Peschel, obra cit., pagg. 407-408. Em verdade á natureza glottica, nem sempre corresponde a natureza ethnica.

[28] Ha quem tenha julgado identicos *tádjiks* e *parsis* ou *guebros.* Na sua Memoria sobre a Ethnographia da Persia, de *Khanikoff* (ap. *G. de Rialle* «Obra cit.»), julga que a differença é pequena ethnicamente, e apenas consiste em entre os *guebros* serem menos communs os narizes aquilinos, do que entre os *tádjiks.* Que a raça é a mesma historicamente, não ha duvida, como se vê da nota ultima. Mas que não ha identidade directa, me parece. Tanta como entre um bávaro e um dinamarquez, por exemplo; maior do que entre um italiano e um portuguez. Do meu Relatorio enviado em janeiro de 1877 ao ex.^{mo} sr. Andrade Corvo, e actualmente em via de impressão, copío o seguinte:

«*Parsis* são os descendentes d'aquelles sectarios de Zoroastro, que depois da quéda de Yezdedjerd III, ultimo rei da Persia da dynastia dos Sassanidas, em 641 p. Christo, se refugiaram na India (Vide *Rawlinson* «The seventh oriental monarchy»). Viveram durante um seculo no Khuzistão, antiga Susiana, onde primeiro entraram. Passaram depois a Ormuz no golfo persico, e ahi estiveram quinze annos, indo depois para Diu e para o Gudjarate, onde vivem alguns, vae em doze seculos. Os que ficaram na patria Persia são mais conhecidos pelo nome de Guebros (do arabe *gabr* infiel, como *kafir*, no Kafiristão)».

Accrescento que: de Diu muitos se passaram, se não todos, no anno de 717 (*Framjee* «The Parsees», pag. 10) ao sul de Damão. E finalmente depois de varias vicissitudes se passaram a Bombaim em 1662 proximamente.

São entre os indios (*hindus, etc.*) dos mais honestos, dos mais leaes, dos mais intelligentes, dos mais nobres em sentimentos, dos mais instruidos e dos mais emprehendedores e trabalhadores, — A sua *Lei* é a sua *Palavra;* a sua *Norma* a *Caridade*, porque os distingue a sua natural benevolencia e generosidade.

Sobre os *parsis* leia-se «The Parsees: Their History, Manners, Customs, and Religion» pelo editor do «Bombay Times» *Dosabhoy Framjee;* «The Parsee Religion» e «The Manners and Customs of the Parsees» de *Dadabhai Naoroji.* Naoroji foi professor de philosophia no *Elphinstone Institution*, e professor de lingua gudjarati na Universidade de Londres.

[29] Sobre o prákrito dos dramas vide *Muir* «Original Sanskrit Texts», vol. 2.º Vide adeante a maneira pela qual eu considero as linguas prákritas.

[30] Livros sagrados dos buddhitas. Childers sem entrar na discussão do assumpto, faz notar que «Buddhaghosa (quarto seculo p. Christo) distinctly asserts that the present canon is the same as that fixed by the first convocation».—«A Dict. of the Pali Language» s. v. *tipitakam.*

[31] Veja-se o que diz *Weber*, o sabio orientalista e eximio indianista, o maior actualmente, ácerca do Rámáyana «On the Ramayana». Weber nota neste poema grande influencia grega.

[32] *Whitney* in «Language and the Study of Language» *passim.*

A estas podia ainda ajunctar a lingua dos ciganos. Porque os ciganos da Europa são emigrados hindus. D'entre os auctores que têm escripto sobre elles, menciono *Grellmann, Puchmayer, Rienzi, etc.;* é capital a obra de *Pott,* professor de Halle «Zigeunersphrache», ouvia eu dizer a Haug. O roteiro da emigração dos ciganos foi: depois da emigração da India no anno 1000, passaram á Grecia, entraram em Creta em 1322, estiveram em Corfu em 1346, na Vallachia em 1370, na Moldavia em 1417, em Zurich em 1418; passaram depois á Italia, etc. Consulte-se *Miklosich* «Zigeuner Europa's», Vienna, 1873.

[33] Alguns ethnologos e alguns glottologos consideram os afghâns ramo iraniano. Ethnicamente são *áryas.* E aqui a ethnologia sem auxilio da glottica não póde mais adiantar. A glottica determina esse ponto mais. E *Trumpp* o attingiu, comparando a lingua dos *afgháns* com a dos iranianos e com os idiomas do norte da India. Os *afgháns* denominam-se a si proprios *pastun,* e Herodoto d'elles falla, escrevendo ao modo porque este vocabulo é pronunciado em partes do oriente Πάκτυες. Lassen foi quem identificou estes dous nomes «Indische Alterth», vol. I, pag. 513 da 2.ª edição; convém mesmo dizer que Herodoto distingue duas nações de *páktyas,* sendo uma em parte da Armenia, *Her.* III, 93, outra confinante com o norte da India, *Her.* III, 102 e IV, 44; e porque a alguem verificando esta passagem, se lhe afigure não haver identidade por Herodoto dizer: que os homens, mandados por Dario para explorarem o Indo, o navegaram na direcção do oriente, e chegaram ao mar, por onde se voltaram ao occidente, — lembre-se que o rio primeiro encontrado foi o Kabul, tomado pelo Indo, com que mistura suas aguas já fóra da Páktyika.

Hovelacque (Obra cit., pag. 290), seguindo a auctoridade de Frederico Müller, deixou a lingua *pastô* na «Branche eranienne». Assim egualmente Whitney (Obra cit., pag. 224) em 1870, mas em 1875 tinha modificado tal opinião («The Life and Growth of Language», pag. 186), diz elle: «the Afghan, near the border of Iran and India, is usually reckoned as Iranian, but by some recent trustworthy authorities regarded as rather Indian».

Peschel «Völkerkunde», pag. 541, segue a opinião de Trumpp, bem o não cite *ibi;* «... nach den neuesten Esforschungen dieses Paschto als selbstständiger Seitenzweig aus der Gabeluny des erânischen und sanskritischen Astes hervorgesprosst ist».

Trumpp escreve, reconhecendo com o dr. *Dorn* «Grammatical remarks on the Pushto», que a lingua *pastô* tem grandes affinidades com as *prákritas modernas* da India «The Pasto however is by no means a Prakrit idiom, like the Sindhi, Panjabi etc., *but an old independent language, forming the first transition from the Indo-Arian to the Iranian family and therefore participating of the charackristics of both, but still with predominant Prakrit features.*

[34] *Yáska:* «Nirukta,» II, 2. Póde ver-se em *Muir* «O. Sanskrit Texts,» vol. 2.º, pag. 152 da 2.ª edição.

Para a theoria que vou expondo me parece ter escudo na seguinte passagem de *Weber,* «Indische Studien,» II, pag. 87 nota, traduzida por *Muir* «O. S. T.,» vol. 2.º, pag. 129:

«I take the opportunity of once more declaring myself decidedly against a commonly received error. It has been concluded (as by Spiegel against Roth) from the existence (in inscriptions) of Prakrit dialects in the centuries immediately preceding our era, that the Sanskrit language had died out before these dialects were formed; whereas we must, on the contrary, regard the development of both the Sanskrit and the Prakrit dialects from one common source, viz the Indo-Arian speech, as entirely contemporaneous...»

[35] *Vedica* entenda-se: dos hymnos vedicos antes da sua redacção ultima. *Weber* in «Akademische Vorlesungen über Indische Literaturgeschiechte,» 2.ª edição, 1876, a pag. 192 sustenta que: *de as differentes tribus áryas immigradas no Hindustão se reunirem em um corpo social mais desenvolvido* («ihrer Vereinigung zu grösseren Gemeinschaften») *resultou maior unidade glottica a que o tempo e os estudos grammaticaes deram fixidez.* Esta unidade glottica, diz Weber, é a BHAXA (por falta de typo transcrevo por *x* a sibitante cacuminal), lingua commum e em que se compozeram os livros *Bráhmanas* e *Sutras.*

Antes da fixidez existia a cousa fixanda, que ainda não era a *bháxá;* a essa linguagem oscillante, fixanda, da qual depois resultou a *bháxá* chamo eu linguagem vedica, fallar vedico, isto é existente ao tempo da formação, não da redacção que hoje conhecemos, dos hymnos vedicos.

[36] *Childers* diz positivamente: «Pali cannot be derived from Sanskrit;» e o demonstra a meu ver. Dos seus argumentos me sirvo mais adeante no texto.

[37] O Prátixákhya do Rik por ex., na edição de *Max Müller,* pag. CCLXXV

e seguintes. Cf. com a edição de *Adolpho Régnier* o venerando contemporaneo do grande Burnouf. Do que diz Régnier nesta parte apenas transcreverei aqui algumas linhas. É quasi certo que não ha no paiz exemplares onde o leitor possa ir ler. Sirva-me isto de escusa ao prolongar tanto estas notas.

«... ces fautes sont le point de départ de la transformation, les premiers germes d'où sortiront par un développement successif, les faits nouveaux, les lois nouvelles. Comparons, en effet, cette leçon de lecture du XIV *patala* avec la phonétique du prâcrit, telle que l'expose, pour le principal dialecte (*Çaurasenî* pour la prose, *Mâhârashtrî* pour la poésie), la Grammaire de Vararuci. Nous verrons figurer dans cette grammaire, comme règles et habitudes consacrées, un grand nombre de vices que reprend la leçon, ou, quand la faute et la règle ne seront pas identiques, nous remarquerons que celle ci souvent découle de celle-là de la façon la plus naturelle, et que l'analogie est frappante.» «Journal Asiatique,» abril–maio, 1858.

Já antes («J. A.,» setembro–outubro, 1856) este grande orientalista tinha feito preceder o capitulo 4.º do *Prát.* de observações importantes taes:

«Parmi ces irrégularités dont quelques-unes comme les sûtras mêmes nous en avertissent, sont (note-se bem) particulières soit à tel auteur, soit du moins à tel *mandala* (isto é, a um *individuo*, portanto, ou mesmo a uma *familia*, a *uma tribu* a que o *mandala* seja attribuido. Vide o meu estudo já citado), il en est, sans doute, un certain nombre qui ne sont des exceptions qu'en apparence, et par rapport à ce qu'on peut appeler la langue commune du Véda, et qu'il serait plus juste de considérer comme des vestiges d'un état antérieur...»

Régnier considera (vide «Étude sur l'Idiome des Védas et les origines de la Langue sanscrite») a linguagem vedica, o fallar vedico, dotado d'uma grande força de synthese tanto para a união morphica dos elementos das palavras como para a união d'estas na phrase dependentes entre si pela mutua acção desinencial. Mas na proposição julga elle esse fallar dotado de impotencia, os áryas d'essa epocha apenas sabiam justapor—caracter proprio de lingua sem cultivo litterario. «On dirait—continúa Régnier—que cette double nature est devenue comme un double héritage, qui s'est partagé entre les deux rejetons. Le *sanscrit*... a pris pour lui cette énergie de synthèse...; le *prâcrit*... a préféré les tendances analytiques, les a étendues à la syntaxe intérieure, à la structure des mots, à tous les détails de la pensée et de l'expression.» A sua origem é commum, diz elle mais, mas elles pertencem a dois systemas «fort divers de pensée et de langage.»

Para exemplos da identidade entre os factos de: *assimilação, hiato, cacuminalismo* e *aspirações*—habituaes, normaes no *prákrito*, e os mesmos viciosos, censurados no *vedico*, veja-se o que diz Weber e o traduz Muir «O. S. T.,» pag. 129 do 2.º vol., 2.ª edição.

[38] SÃSKRTA é o thema do participio passado passivo d'um verbo, cuja raiz em sãoskrito é KR = KAR, antigo SKAR cujo *s* ainda alli conserva, prefixado este participio pela particula indeclinavel SAM correspondente ao grego, σύν e ao latim *cum*. A significação de SAM é «com, junctamente;» mas tambem muitas vezes: «inteiramente, muito, bem, completamente» e expressa «perfeição.» A significação da √ SKAR é «cortar» e d'aqui outras: «separar» cf. o latim CER-*no*; «ferir» CER-*to*, CER-*tamen*, CRI-*men*, etc.; «formar, fazer, crear» CER-*us* (CERUS MANUS = «creator bonus,» *Fest.* s. v. «matrem matutam») CER-*are (Varr.)* = CRE-*are*. Muitas outras palavras em grego, κείρω por ex. e em zenda, lituano, etc. se podiam aqui dar; mas é bastante em quanto a etymologias.

Diga-se do som. O de *m* deante do *s* muda-se em sãoskrito no que em grammatica se chama *anusuára necessario*. Este quando seguindo *a* o ouvi sempre da bocca do meu mestre, o sr. dr. Martinho Haug como o diphthongo portuguez que sôa em TAM*bem* = TÃO*bem*, *amar*AM = *amár*ÃO, etc. Pronuncie-se *são-skrta*, em portuguez *sãoskrita* sendo *i* breve.

PRAKRTA é egualmente da √ KR precedida não de *pra* + *a* como já vi explicado, mas de *pra* = latim *pro*. PRA-KRTA é adjectivo mas *não participio passado passivo*. A sua formação é, segundo regra conhecida em grammatica, de *pra-krti*, f., «estado original d'uma cousa,» + *a*, pela *vriddhisação* da primeira syllaba, e quéda da vogal final thematica da palavra originaria, a que se junctou o affixo *a*.

[39] e [40] *Trumpp*, «Gram. of the Sindhi Lang.» Leia-se esta transcripção *apabhrãsa* como se escrevessemos, para portuguezes, *apabhrãocha*.

[41] Na segunda edição da Gram. prákrita de *Vararutchi* «*Prakrta-prakasa*,» pag. XVII.

[42] Vide *Vararutchi (Cowell,)* pag. 93 e segg. e pag. 104 e segg. Cf. estas com *Hematchandra* (ed. de *Pischel*. Halle, 1877,) pag. 140 e segg.

[43] Vide em *Muir* «O. S. T.,» 2.º vol., 2.ª edição, pag. 52.

[44] Vide *Childers* «Obra cit.»

[45] Rigvêda, x, 88, 15. A transcripção da ultima palavra deve ler-se *mátaranhtchâ*.